

ESPIGÃO DE CAPACETE DO CASTRO DA MOGUEIRA (S. MARTINHO DE MOUROS/RESENDE)

por José Augusto Maia Marques *

I O LOCAL

Em 1986, fomos contactados pelo nosso aluno e colaborador Luís Coutinho Amaral * no sentido de observarmos uma peça, em bronze, aparecida no Castro da Mogueira.

Este povoado fortificado situa-se junto a uma curva do Rio Douro, a Nordeste da freguesia de S. Martinho de Mouros, concelho de Resende, distrito de Viseu (fig. 1). Com o n.º 866 do inventário de Armando Coelho Ferreira da Silva², havia já sido objecto de uma referência por parte de J. Leite de Vasconcelos³ e de um estudo epigráfico de Vasco Mantas⁴ a propósito de uma inscrição votiva gravada num penedo.

Aqui se encontram frequentemente fragmentos de cerâmica indígena e romana, mós, escória e, eventualmente, uma ara e um «tesouro» de moedas.

* Assistente da Faculdade de Letras do Porto e da Universidade Portucalense.

¹ Agradecemos penhoradamente ao Luís Coutinho Amaral a amizade e a desinteressada colaboração, e à Dr.^a Maria Antónia Silva, investigadora do Instituto de Arqueologia da Universidade Portucalense, o magnífico desenho desta peça (fig. 2). Os desenhos dos espigões da fig. 3 foram extraídos da dissertação de doutoramento de Armando Coelho Ferreira da Silva (ver nota 2).

² Armando Coelho Ferreira da Silva, *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, 1986, pág. 105.

³ José Leite de Vasconcelos, *A Mogueira*, «Archeólogo Português», I, 1895, pp. 9-10.

⁴ Vasco Mantas — *A inscrição rupestre da Estação Luso-Romana da Mogueira (Resende)*, «Revista de Guimarães», XCIV, 1984, pp. 361-370.

O povoado situa-se a uma cota de 450 metros e possui apreciável conjunto de defesas, naturais e artificiais. A sua situação estratégica; o escarpado das suas vertentes e as três linhas de muralha que ostenta, conferem-lhe posição de relevo no controle e defesa de uma boa parte do curso do Douro.

Na parte cimeira, com abundantes afloramentos graníticos, várias construções curiosas. Uma cavidade artificial, dotada de uma escada de acesso talhada na rocha, cujo tecto abateu e onde, segundo Leite de Vasconcellos, teria aparecido um tesouro de moedas romanas. Um conjunto de plataformas escavadas num afloramento, assemelha-se a alguns dos «santuários» existentes em Castros, ou em contexto castrejo, no Noroeste peninsular, como por exemplo os do Castelo do Mau Vizinho (Chaves), Castro de Ribas (Valpaços), Vilar de Perdizes (Montalegre) e Garfe (Póvoa de Lanhos©)⁵.

Articulando-se possivelmente com este conjunto, existe uma «estrutura» quadrangular, parte talhada na rocha e parte com muro de pedra, recoberta, interiormente, por *opus signinum*, com alguns grafitos de leitura difícil⁶ e que se desenvolve em profundidade e não acima do solo.

Foi exactamente junto a esta estrutura que se descobriu, num dos vários montículos de terra que atestam a actividade dos buscadores de «tesouros», o objecto que se descreverá de seguida.

II. O ESPIGÃO

A peça que se ilustra na fig. 2 e que classificamos como um espigão de capacete, foi encontrada em Dezembro de 1985 por Luís Coutinho Amaral, quando realizava uma prospecção de terreno para elaboração de um trabalho académico. Foi descoberta, juntamente com cerâmica castreja decorada e fragmentos de escória, num pequeno monte de terra proveniente, com toda a certeza, do interior da estrutura atrás referida.

Tem de altura 48 mm e de diâmetro 22 mm. Muito bem conservado, com patina característica, possui um esquema decorativo tripartido. Na parte superior, até cerca de 6/8 mm, uma faixa lisa. Depois, até aos 38 mm, uma banda com um «picotado»

⁵ A.C.F. Silva, *op. cit.*, pags. 301-302 e Bibliografia.

⁶ V. Mantas, *op. cit.*, pag. 364.



Fig. 1.

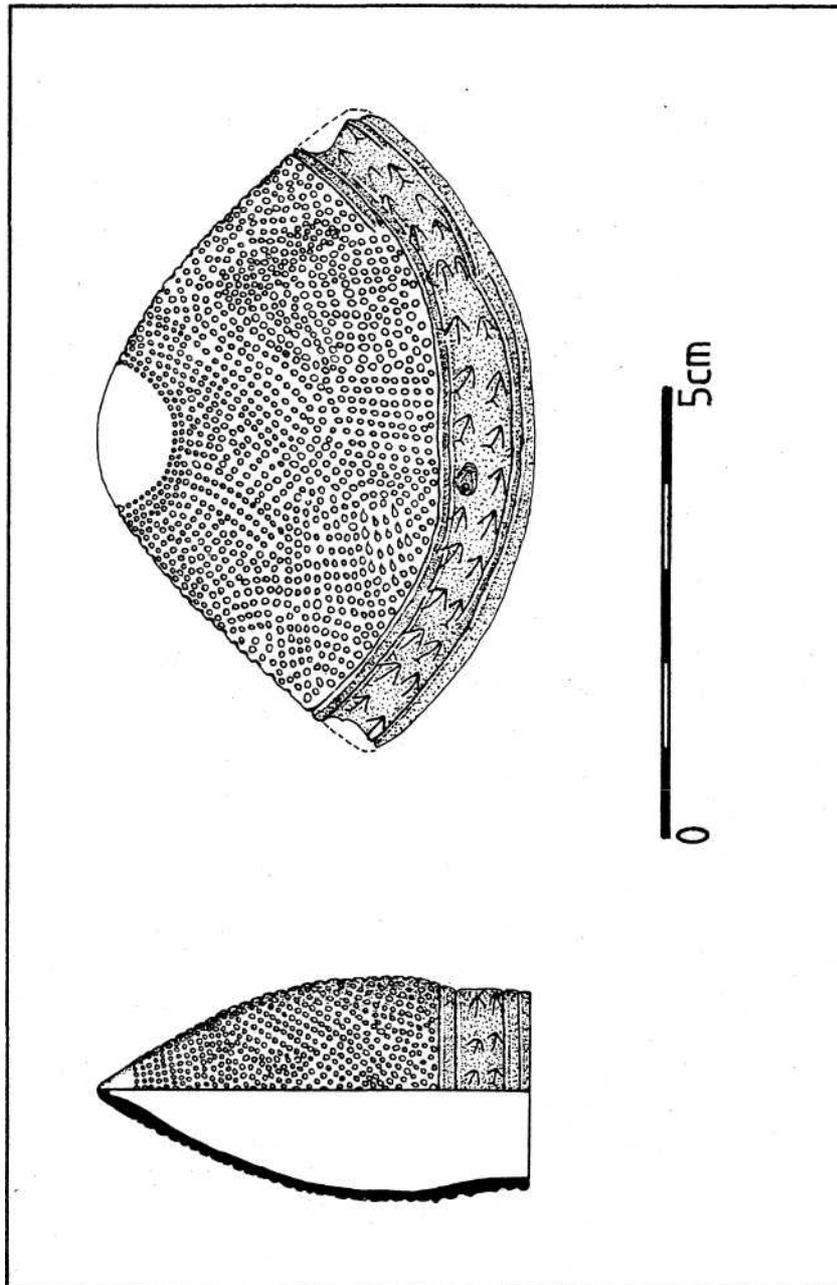


Fig. 2 — Espigão do capacete do Castro de Mogueira.

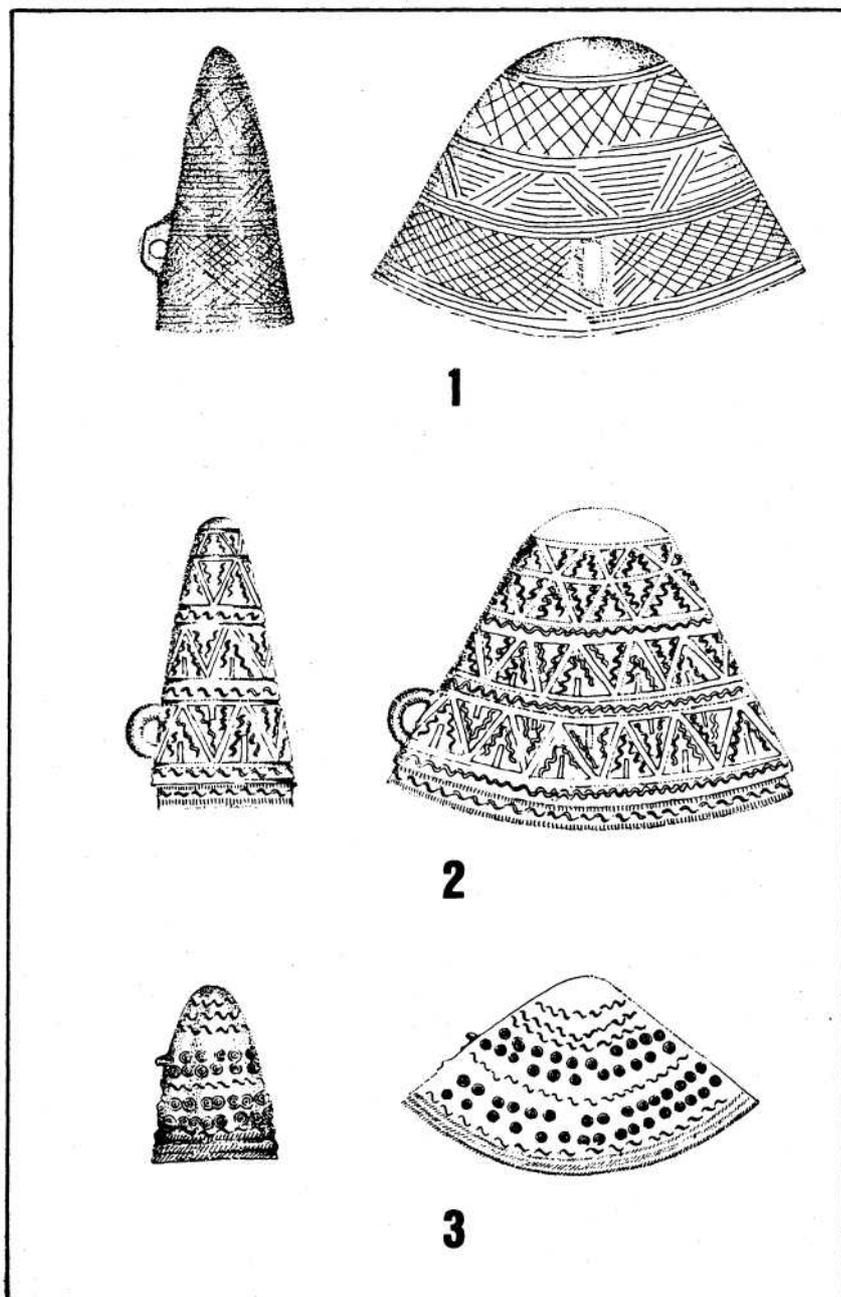


Fig. 3 — Outros espigões de capacete do NW. (Seg. A. C. F. Silva).
 1 — Lanhoso; 2 — Neiva I; 3 — Neiva II. Escala 1:2.

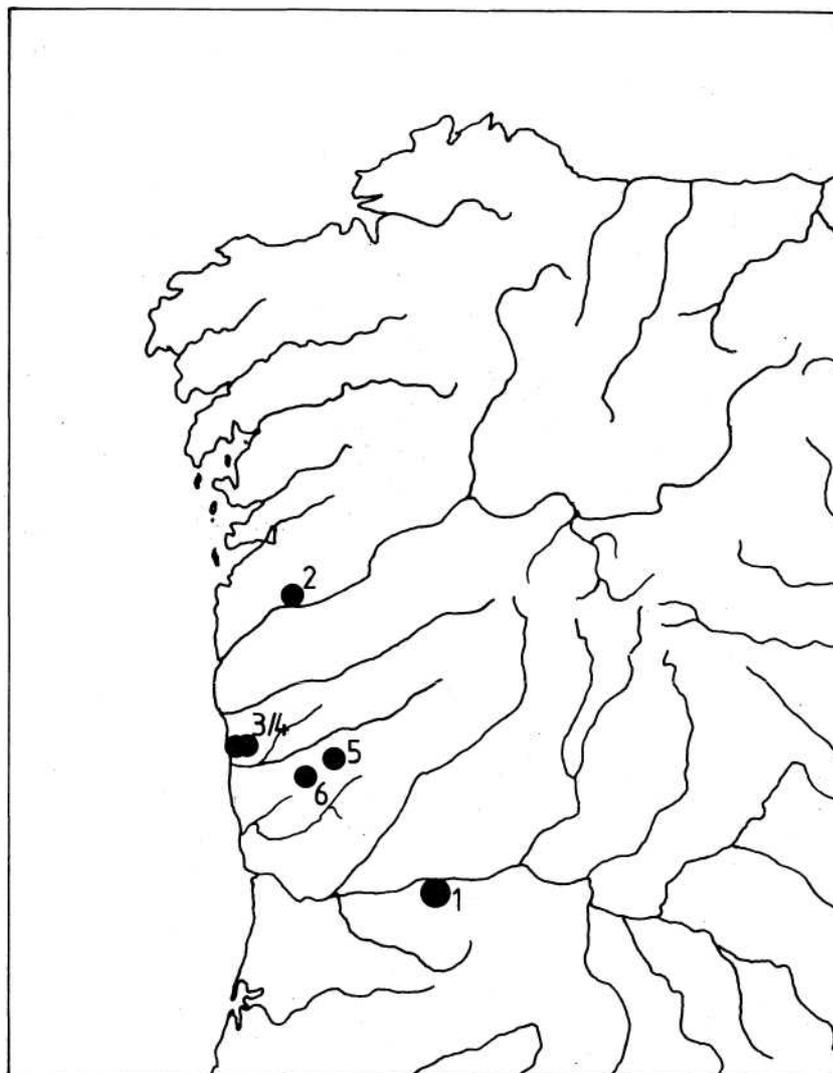


Fig. 4 — Distribuição dos capacetes do NW Peninsular

- | | |
|---------------|-------------|
| 1 — MOGUEIRA | |
| 3-4 — NEIVA | 2 — TUY |
| 6 — BRITEIROS | 5 — LANHOSO |

esférico, algo irregular, sem linearidade aparente. Finalmente o terceiro elemento decorativo é constituído por duas fiadas de «setas», oblíquas, com a ponta inclinada para as 4 horas, colocadas entre dois grupos de duas incisões paralelas.

Dentro da peça, após a sua limpeza, foi descoberto um fragmento de bronze, igualmente bem conservado e patinado, com cerca de 20 mm, possuindo uma das extremidades ligeiramente encurvada. Assemelha-se a um fusilhão de fíbula anular, embora, dado estar fragmentado nas duas extremidades, possa tratar-se também de um cravo ou objecto semelhante.

Conhecendo bem os Capacetes de Castelo de Neiva⁷, imediatamente associámos a peça em apreço com os espigões que os encimam.

Sê bem que, no aspecto decorativo, não tenhamos encontrado paralelos na Bibliografia consultada⁸, no que toca à forma geral o espigão da Mogueira apresenta semelhanças com o do capacete de Lanhoso (fig. 3,1) e com os de Neiva (fig. 3,2 e 3).

Muito embora não se veja o habitual apêndice semi-circular, uma falha existente no metal poderá significar que foi arrancado.

Obedecendo ao mesmo tipo de esquema formal, apresentando dimensões que o colocam entre Neiva II e Lanhoso e atendendo às semelhanças, pensa-se poder adiantar, ao menos como hipótese de trabalho, que se trataria de um espigão de capacete tipo Montefortino B, associável com a Fase III da periodização que À.C.F. Silva apresenta para a Cultura Castreja⁹ e que vai das campanhas de D. Júnio Bruto (138/136 a.C.) até ao início da dinastia dos Flávios (69 d.C.).

Fica, assim, uma vez mais demonstrada a necessidade de proceder a sondagens arqueológicas naquele local e a um estudo de campo e de gabinete devidamente estruturado pois a Mogueira ocupa, com toda a certeza, um lugar de destaque na Arqueologia Castreja (e Romana?) da margem Sul do rio Douro.

⁷ Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *Dois capacetes e três copos em bronze de Castelo de Neiva*, «Galleacia», 6, 1980, pp. 245-255.

⁸ De entre as quais se destacam:

A.C.F. Silva, *op. cit.*, pp. 181-184, 205-206 e Ests. XCII-XCV; H. R. Robinson, *The Armour of Imperial Rome*, Londres, Armour Press, 1975, cap. II; J.A. Abásolo e F. Perez Rodriguez, *El casco céltico de Gotorríta*, «Boletim dei Seminário de Estudos de Arte y Arqueologia», 46, 1980, pp. 93-114.

⁹ A.C.F. Silva, *op. cit.*, pags. 43-53, 66-67 e 315-316.